

A essência da problemática existencial moderna na trilogia kunderiana

Rosimara Richard¹

O escritor e seu tempo

Na modernidade, um dos grandes problemas a serem enfrentados pelo homem é a perda da tradição, dos elos que unem o presente e o passado, que fornecem a noção de pertencimento e o constituem enquanto sujeito em uma determinada sociedade. A impotência humana frente às instituições modernas é o que muitas vezes aparece caracterizada nas obras literárias mais diversas, algumas vezes como uma tentativa de distanciamento do mundo do qual se participa ou participou, outras vezes como uma busca para compreendê-lo e, assim, tentar adquirir o controle das instituições que direcionam a vida, desse modo, a perda da memória aparece como uma das grandes ameaças do mundo moderno.

Tendo em vista que os séculos XIX e XX foram marcados por grandes mudanças e transformações nos campos social, político, econômico e cultural, o escritor tcheco Milan Kundera aparece como uma importante testemunha, por ele ter vivenciado reflexos desse período em sua própria vida. A preocupação com a perda da memória é uma das questões que inquietam o escritor, que começou a produzir seus textos em língua materna, na década de 50 e 60, poesias influenciadas pelas experiências de sua vivência juvenil durante a Segunda Guerra Mundial, quando a antiga Tchecoslováquia fora invadida. Nesse período, a experiência do totalitarismo alemão incutia nos jovens uma visão distorcida da realidade, o que empurrou o então jovem Kundera para o marxismo e a militância do partido comunista², do qual foi um importante representante³. Sua escrita nesse período representava a crença nessa ideologia de esquerda pela qual foi tomado, percebendo o equívoco⁴ muitos anos depois, o que o fez

rejeitar sua primeira fase de produção literária, justificando a imaturidade dos trabalhos realizados nesse período.

Ainda nos anos 60, Kundera já refletia sobre o processo de criação do romance e acabou por escrever um de seus mais importantes trabalhos, *A arte do romance* (1967), um livro de ensaios no qual analisa seu próprio processo de escrita. Após escrever este livro, ele abandona o lirismo⁵ assumido em seus escritos iniciais e toma como princípio a ficção, baseada no conflito dramático existencial. Esse trabalho foi considerado muito importante para o domínio da literatura tcheca e Kundera foi reconhecido com um intelectual importante em seu país natal. Esse livro, da forma como o conhecemos hoje, foi publicado somente em 1986, após ter desenvolvidas melhor e de maneira mais aprofundada suas ideias.

As obras posteriores de Kundera - contos, ensaios e romances -, realizadas dentro dessa nova visão do processo criativo, contribuíram e até hoje contribuem, de maneira significativa, para reflexões sobre questões política, cultural e histórica relativas ao contexto de uma época, mais especificamente séculos XIX e XX. Muitos de seus romances estabelecem uma relação com a política, dentro do contexto histórico em que seus personagens são apresentados, com a função de facilitar aos leitores a compreensão de certos comportamentos e suas possibilidades⁶. Kundera acredita que existem coisas que somente o romance pode dizer, ou explorar, da existência humana. Os aspectos histórico, político e cultural também serviriam para impulsionar as personagens a situações como medo do esquecimento e perda ou transformação das memórias, entre outros.

O escritor participou da Primavera de Praga⁷, de 1968, junto a outros intelectuais tchecos que, além de se empenharem em uma tentativa de conseguir que direitos adicionais fossem concedidos aos cidadãos e pedirem pela descentralização parcial da economia e da democracia, exigiam um relaxamento das restrições às liberdades de expressão e de imprensa. Durante este período foi publicado seu livro de contos, *Risíveis amores* (1970), que em

A essência da problemática existencial moderna parte já estava escrito (em 1963) antes de o autor publicar seu primeiro romance *A brincadeira* (1967). Os dois romances seguintes, *A vida está em outro lugar* (1973) e *A valsa dos adeuses* (1973), haviam sido escritos sem a pretensão de publicação, porque Kundera estava impedido de publicar. Esses livros, por terem sido escritos em língua materna, quando o escritor ainda morava na Tchecoslováquia, compõem o que chamamos de primeira fase de produção do escritor.

Em 1978, Kundera teve sua cidadania tcheca cassada por causa do lançamento de *O livro do riso e do esquecimento* e, após ter a publicação de seus outros livros proibida na Tchecoslováquia, exilou-se na França (tornando-se cidadão francês nos anos 80). Em entrevista a Philip Roth, descrita no livro *Entre nós: um escritor e seus colegas falam de trabalho* (2008), ao ser perguntado sobre a sensação de ser um imigrante, Kundera responde que:

Para um escritor, a experiência de viver em vários países é uma tremenda vantagem. A gente só pode compreender o mundo depois que o vê de vários ângulos. Meu livro mais recente [*O livro do riso e do esquecimento*], que foi escrito na França, se desenvolve num espaço geográfico especial: *os eventos que transcorrem em Praga são vistos pelo ângulo da Europa Ocidental, e as coisas que ocorrem na França são encaradas pelos olhos de Praga*. Trata-se de um encontro de dois mundos. De um lado minha terra natal; em apenas meio século ela viveu uma série de experiências: democracia, fascismo, revolução, o terror stalinista e também a desintegração do stalinismo, as ocupações alemã e russa, a deportação em massa e a morte do ocidente em seu próprio território. Assim, o país está afundado sob o peso da história e encara o mundo com um ceticismo imenso. Do outro lado a França: durante séculos ela foi o centro do mundo e agora está sofrendo a falta de grandes eventos históricos. É por

isso que ela se entrega a posturas ideológicas radicais. É a expectativa lírica, neurótica, da realização de algum grande feito, só que isto não está acontecendo, e não vai acontecer nunca mais⁸.

A partida da Tchecoslováquia foi um acontecimento marcante na vida do escritor, proporcionou-lhe a oportunidade de adquirir experiências no ocidente e trazer para suas obras reflexões a partir da comparação entre as duas culturas. O que, segundo Said⁹ não se mostra tão negativo, visto que na condição de exilado o intelectual tende a sentir-se feliz com a ideia da infelicidade, de tal maneira que esta insatisfação pode vir a tornar-se, não apenas um estilo de pensamento, mas uma nova morada do intelectual, que se beneficia de tamanha *angústia produtiva*.

Embora distante de seu país, Kundera manifesta em seus textos uma forte afeição por sua cultura, língua e ambiente familiar, uma nostalgia de um tempo passado. Ele é conhecido por trazer para as suas narrativas acontecimentos aparentemente ou possivelmente reais da história de seu país natal. Esses acontecimentos se fundem a narrativas ficcionais e, muitas vezes não apenas servem de contexto, mas abrem espaços para significativas reflexões.

Uma trilogia

O livro do riso e do esquecimento (1978) inaugura a segunda fase do escritor e dá início à trilogia que será formada pelos livros *A insustentável leveza do ser* (1983) e *A imortalidade* (1990), que podem ainda terem sido escritos em língua materna, dada a riqueza e complexidade narrativa (diferente da utilizada nas obras posteriores), mas estando o escritor já vivendo na França.

Na sexta parte do livro *A imortalidade* (1990) do escritor Milan Kundera, o interlocutor Avenarius pergunta ao narrador-autoral qual será o título do romance que ele está escrevendo. Ele responde: “- *A insustentável leveza do ser*” (p.235). E ao ser

A essência da problemática existencial moderna interpelado sobre o fato de este título já ter sido utilizado em outro livro, completa: “Sim. Por mim! Mas na época me enganei de título. Ele deveria pertencer ao romance que estou escrevendo agora” (p.234).

Em *A arte do romance* (1986), ao apresentar suas anotações inspiradas em *Os Sonâmbulos*, de Herman Broch, que retrata o século XX, Kundera diz que os três livros que compõe a trilogia não estão ligados casualmente, mas que cada um contém seus personagens e é estruturado individualmente. E, apesar de alguns personagens, tal como Pasenov, o protagonista do primeiro romance e Esch, protagonista do segundo, aparecerem no terceiro romance e Bertrand, personagem do primeiro romance, aparecer no segundo romance, a unidade do conjunto se faz pela continuidade do mesmo tema, no caso desse autor, “(o do homem confrontado com o processo de degradação dos valores)”¹⁰.

A fala do narrador-autoral no livro *A imortalidade* tem a intenção de deixar claro ao leitor que em algum sentido o livro *A insustentável leveza do ser* se assemelha ao livro *A imortalidade*, a ponto de a hipótese de se atribuir a ambos um mesmo título ser cogitada. No romance *A imortalidade*, assim como em todos os outros livros de Kundera, o esquema das variações se faz presente, contudo, nota-se que nos dois livros que o antecedem: *O livro do riso e do esquecimento* e *A insustentável leveza do ser* - tal como acontece em Broch -, tem-se uma unidade que se dá pela exploração de um mesmo tema: a tentativa de apreensão da essência da problemática existencial na modernidade. O esquema das variações kunderiano foge do espaço de um livro e passa a ser explorado em três livros subsequentes, que por essa razão, podem ser pensados como uma trilogia.

No primeiro livro dessa segunda fase, *O livro do riso e do esquecimento*, têm-se como contextos os espaços de Praga e da França, e uma busca frenética da protagonista na tentativa de resgatar seu passado. Neste, Kundera reforça a ideia de que a memória de um povo é a luta frágil e silenciosa contra o esquecimento e propõe que, diferente de antigamente, a história não fica na memória, isso porque há tempos ela caminhava

lentamente e na modernidade, como “o tempo avança a grandes passos”¹¹, uma enorme quantidade de acontecimentos encobrem uns aos outros, a história se perde e os acontecimentos passam a não ter mais a mesma importância.

Apesar de *O livro do riso e do esquecimento* conter seis narrativas aparentemente independentes, com personagens distintos, a história que interessa ao autor contar é a de Tamina: “É um romance a respeito de Tamina e, no momento em que ela sai de cena, é um romance para Tamina” (1978, p. 156-157), sendo ela a única personagem que aparece em duas partes do livro: na quarta (*As cartas perdidas*) e na sexta (*Os anjos*). Tamina é tcheca, mas está deslocada. Teve que deixar seu país por causa de problemas políticos. O problema existencial que a aflige é o fato de, ao deixar seu país em companhia do marido, ter deixado para trás também seu passado registrado em cartas e diários. Depois da morte do marido, Tamina tenta de todas as maneiras resgatar a memória desse tempo que vivera na Boêmia ao lado dele. A personagem Tamina é um dos “egos experimentais”¹⁶ do escritor, e a vida dela é entremeadada pela história de Praga. Tamina pode ser pensada como a representação do escritor que, longe de seu país tenta de todas as maneiras não perder as suas memórias, o seu passado.

Em *O livro do riso e do esquecimento*, Kundera reflete essencialmente a angústia existencial que acomete a modernidade, que é ao mesmo tempo individual e coletiva. Propõe que o Estado seria o responsável por editar a memória e que nisto reside o poder por ele alcançado, mas que este poder de manipular a memória também é desejo dos homens, não apenas sobre os grandes acontecimentos, como também sobre aqueles menores e cotidianos.

Já no livro *A insustentável leveza do ser* tem-se como contextos Praga e outras cidades da Europa, como Zurique, e aborda o poder dos regimes totalitários de transformar a vida das pessoas, amparado sobre uma profunda reflexão sobre o cerceamento da liberdade de expressão. O personagem Tomas era médico reconhecido em Praga, até que um dia escreve um artigo

A essência da problemática existencial moderna para uma revista fazendo uma relação entre o conto de Sófocles, Édipo e a situação dos comunistas. O artigo é tomado como uma afronta e Tomas acaba sendo destituído de seu cargo para sempre. Os comunistas, irritados e ofendidos pelo artigo que os apontava como responsáveis pelos massacres e pelas mortes afirmavam que, por serem entusiastas da causa, agiram sem ter a noção real do resultado de seus atos, e por isso não conseguiam sentir culpa, tal como Édipo, a ponto de furarem os próprios olhos e fugirem de Tebas. Depois da invasão dos russos, Tomas fora chamado a se retratar, mas ele não aceita e decide assumir de vez sua nova profissão de lavador de vidros e tentar ser feliz ao lado de Tereza, sua esposa.

O antagonismo peso/leveza marca de maneira significativa a vida das personagens d' *A insustentável leveza do ser*, livro que se inicia com o mito do Eterno Retorno, de Nietzsche, propondo uma reflexão sobre o que aconteceria se tal qual o filósofo propõe, uma mesma situação se repetisse várias vezes, indefinidamente. Kundera se questiona se essa situação de eterno retorno não seria um dos mais pesados fardos - se pensarmos nas guerras. Por um lado, o peso é o que nos torna mais próximos do chão: "O fardo mais pesado é, portanto, ao mesmo tempo a imagem da mais intensa realização vital. Quanto mais pesado o fardo, mais próxima da terra está nossa vida, e mais ela é real e verdadeira"¹². O peso está mais diretamente relacionado ao humano, e em Kundera, a um passado que agrega conhecimentos, que por sua carga de consciência, se transformam em pesado fardo diante dos acontecimentos da vida. Seu oposto, a leveza ou ausência de peso faz com que o homem se distancie da terra, pois sendo leve, pode voar, tornando-se, assim, "semirreal". Ou seja, ele se afasta dos problemas humanos a ponto de perder parte de sua realidade, seu princípio de humanidade.

No livro *A insustentável leveza do ser* a ideia do eterno retorno estaria amparada em uma visão que vai contra a noção de acaso apresentada na perspectiva moderna, que propunha uma linearidade e progressão dos acontecimentos. Em Nietzsche os acasos é que influenciariam esses acontecimentos humanos, que

no tempo infinito que vai e vem em um movimento circular, possibilitaria as diferentes combinações com possibilidades de repetição. O mundo, dessa forma, se apresenta como um jogo de forças atuantes que alimenta a vontade de potência do homem, impulsionando-o para a vida. Com este livro apesar de expor a crise do sentido único da história, o que sobressai é a o papel da história enquanto conhecimento que impõe significados aos acontecimentos humanos.

E por fim, o terceiro livro da trilogia, *A imortalidade é ambientado na França*, tendo como cenário a Paris do início da modernidade. Agnes é a protagonista do livro e vive na França, ela fora criada a partir de um gesto, o gesto da criação do escritor. Agnes é casada com Paulo, mas sua vida não foi construída em cima da felicidade, existe um buraco em seu interior que não pode ser preenchido por nada. Apesar de estar casada e ter um companheiro na vida, se pudesse escolher, preferiria a solidão e com ela a liberdade. Ela pensa o tempo todo em se afastar da cidade em que vive, das pessoas com quem convive, mas não tem muito claro o que quer para sua vida no futuro, não tem perspectiva. Agnes talvez represente a figura do romântico, que ama a natureza, o prosaico, ama amar mais do que ama o ser amado. Agnes percebe que aliadas às transformações da modernidade estão as mudanças sociais, marcadas por um vazio que o ser humano não consegue preencher, um vazio de sentido. Durante a constituição da trilogia, o autor vai se afastando de seu país natal, a ponto de, no terceiro livro, mostrar-se completamente distanciado da Tchecoslováquia.

Na terceira fase, o escritor se mostra capaz de observar o mundo de forma mais objetiva. Seus romances são escritos numa perspectiva de pós-exílio e apresentam um sujeito já mais adaptado a sociedade atual. Temos os romances *A lentidão* (1995), que trabalha com uma perspectiva de tempo, o *A Identidade* (1997), *A ignorância* (2000) e o seu mais recente *A Festa da Insignificância* (2014). Todos estão amparados em uma narrativa mais direta, mas nem por isso mais simples, Milan Kundera passou a escrever e publicar seus livros em língua

A essência da problemática existencial moderna francesa. Livros que, assim como os outros, além de serem resultados da influência de suas leituras de Diderot, Rabelais, Cervantes, Sterne, bem como de autores centro-europeus como: Kafka, Broch e Musil, contam um pouco de sua história e, conseqüentemente da história de seu país - reflexos das mudanças sociais pelas quais o mundo todo vinha e vem passando.

Os romances de Kundera apresentam o fluxo de consciência de uma época e demonstram uma preocupação com a coletividade. Tentam entender o ser humano como identidade formada em cima de determinados valores que se veem diante de um processo de degradação e constante reconstrução.

Milan Kundera e uma representação da existência – Considerações

A produção literária de Milan Kundera foi fundamentalmente construída durante um período considerado privilegiado da história da humanidade, que se dá na modernidade e adentra a pós-modernidade. Os seus personagens trazem consigo todos os ganhos e as perdas advindos das mudanças e transformações ocorridas neste período. A história do escritor Milan Kundera e a criação de sua obra têm base fundamental na história de seu país, tanto que podemos classificar a obra desse escritor nas três fases distintas: antes do exílio, durante o exílio e pós-exílio.

O romance kunderiano traz o passado para a narrativa e estabelece com ele um diálogo, o que pode ser percebido nos três livros que compõem a trilogia, os quais retratam a Primavera de Praga, um acontecimento histórico de 1968, que aparece perfazendo um contexto e que, além de criar uma nova situação existencial para os personagens, possibilita uma reflexão. Mas não podemos nos esquecer de que, na escrita kunderiana a história é tratada com economia máxima: “Eu me comporto com a História como o cenógrafo que monta uma cena abstrata com alguns objetos indispensáveis à ação”¹³. A escolha das

circunstancias se dá em função de serem ou não capazes de criar para seus personagens uma situação reveladora.

Se pensarmos que o escritor é um sujeito histórico e que, sendo assim, não pode fugir de suas vivências e experiências, poderemos afirmar categoricamente que as reflexões que possam surgir das situações existenciais devolvem, talvez, a ele, um passado entremeado de lembranças mal compreendidas. Com seus personagens, Kundera testa reações e possibilidades dos sujeitos-personagens dentro das situações históricas, passando, assim, do plano dos grandes fatos para o micro espaço onde estes estão localizados e, nos livros que compõem a trilogia, ele deixa claro que, ao contrário dos historiadores que escrevem a história pelo viés social, amparado no ponto de vista da sociedade e não do homem, ele, que considera os acontecimentos históricos muito mais importantes para aqueles que assim como ele tiveram que conviver com o regime comunista, não está preocupado com a história factual, mas em como o indivíduo se comporta dentro dela.

A narrativa kunderiana se apresenta como um exercício de reconstituição da história da existência humana e do romance moderno no momento paradoxal entre o que convencionalmente se denomina de pós-moderno. E o romance precisa necessariamente acompanhar essas transformações, se quiser continuar a existir, buscando novas estratégias de representação. O escritor afirma que nos paradoxos terminais da modernidade a vida se transformou, portanto, para pensá-la é necessária a adoção de novas posturas de pensamento, deixando de lado modelos já estabelecidos. Um romance só é eficaz porque consegue combater o sistema de ideias recebidas, contudo, o papel do romance não é denunciar ideias políticas, mas mostrar os problemas que elas ocasionam ao homem, de maneira mais íntima. Na concepção de Kundera o romance não consiste em uma adesão a uma linha política de protesto, senão a uma especificidade, autonomia e visão de mundo que propõe.

Notas de Referência

¹ Doutoranda em Literatura do Departamento de Teorias Literária e Literatura da Universidade de Brasília - UnB. Orientador: prof. Doutor Wilton Barroso Filho, do programa de Pós-graduação em Literatura da Universidade de Brasília - UnB.

² Milan Kundera fez um discurso no Congresso da União dos Escritores da Tchecoslováquia em 1967, que virou marco na história da independência tcheca. Por meio desse discurso, ele demonstrava ser a favor da preservação da cultura e de uma identidade tcheca e pregava a necessidade de se desenvolver a literatura e a cultura no país em condições de liberdade total.

³ Os anos 60 foram permeados por grandes debates teóricos no âmbito das ciências humanas e o auge da chamada “crise do paradigma marxista”. Após a morte de Lênin, surgiram muitas denúncias dos opositores do regime que se instalou na URSS, mundo era assombrado por notícias de Moscou, devido aos “expurgos stalinistas” e os antigos líderes da revolução eram perseguidos com “mãos de ferro”. Tudo isto serviu para que profundos questionamentos se estabelecessem em nível mundial.

⁴ Em *Os testamentos traídos* (1994), Kundera diz que durante os anos da revolução comunista em seu país, compreendeu o papel importante que a cegueira lírica desempenha na época do terror e, a única coisa que ele desejava era “um olhar lúcido e desabusado sobre os acontecimentos”, o que encontrou, afinal, na arte do romance.

⁵ Em seus romances, Kundera realiza reflexões e explora as ações das personagens. O que Kundera chama de ‘possibilidades’ seria, mais exatamente, aquilo que externamente interfere no interior de um personagem e o faz ter determinadas atitudes e/ou comportamentos.

⁶ No livro *Em 68: Paris, Praga e México* (2008), Carlos Fuentes diz que os fatos ocorridos nesse período contribuíram para um propósito, o de abrir caminho para a democracia e a crítica social, demonstrando que a Tchecoslováquia estava sentindo necessidade de mudança. A Primavera de Praga não combatia o sistema comunista, “humanizava-o, democratizava-o e socializava-o” FUENTES, Carlos. *Em 68: Paris, Praga e México*. Rio de Janeiro: Rocco, 2008, p.12.

⁷ Egos experimentais são personagens criados como representação de uma problemática existencial. De acordo com Kundera “[...] somos cada vez mais determinados pelo exterior, por situações das quais ninguém pode escapar e que cada vez mais nos fazem parecer uns com os outros” (1986, p. 27), ao contrário, os egos experimentais ajudariam a trazer para o âmbito da narrativa as diversas possibilidades de existência.

⁸ROTH, Philip. *Conversa com Milan Kundera*. In: Entre nós: um escritor e seus colegas falam de trabalho. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, 102, grifo nosso.

⁹SAID, Edward W. *Representações do intelectual: as conferências*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005, p. 60-61

¹⁰KUNDERA, M. *A Brincadeira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986, p. 47-48.

¹¹_____. *O livro do riso e do esquecimento*. São Paulo: Círculo do Livro, 1978, p. 11.

¹²_____. *Insustentável leveza do ser*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985,

p. 11.

¹³_____. *A Brincadeira*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986p. 37.